

A posição da Igreja Anglicana

Aos estudantes da Escola de Teologia ofereceu-se, no ano passado, a oportunidade de ouvir um representante da Igreja Episcopal Brasileira, filiada à Igreja Anglicana. Foi o sr. Rev. Orlando Batista, Reitor da Faculdade de Teologia da referida Igreja, que nos explicou o pensamento e a estrutura da Igreja Episcopal. Pode servir de complemento destas explicações o que diz o sr. Rev. John S. F. Gregg, arcebispo de Armagh sôbre a atitude do Anglicanismo. O mensário da „Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica“ estampa um artigo deste Primaz da Irlanda e Presidente do Conselho Episcopal da Igreja Lusitana, intitulado „A Igreja de Deus e a sua responsabilidade“ e traduzido por Luiz C. R. Pereira. Deste artigo reproduzimos aqui alguns trechos para dar uma idéia mais nítida do sistema episcopaliano (veja „Ecclesia“, publicado em Vila Nova de Gaia, Portugal, Jan. 1950, pgs. 6/7).

„O Anglicanismo não constitue um sistema lógico com uma resposta já pronta para cada pergunta; é antes uma atitude, uma maneira de ser de espírito. O seu nome não deriva de nenhum mestre ou reformador. Nunca ninguém se entregou à tarefa de criar o Anglicanismo. Pelo contrário, este emergiu como um reajustamento do sistema cristão, o qual refletiu e é exigido pela aproximação das coisas visíveis e invisíveis da experiência humana e que teve lugar num período crítico da História Inglesa.

Este reajustamento, embora deixasse intactas as verdades dos „credos“, ofereceu aos membros da Igreja de Inglaterra um „modus vivendi“ equilibrado no momento em que se dava o choque entre a Cultura Nova e o sistema religioso tradicional.

Quando se deu a separação entre a Igreja de Inglaterra e o Papado, já a crítica ao catolicismo tradicional havia despertado a mentalidade humana em toda a Europa, e os ingleses foram por sua vez chamados a apreciar a doutrina e a prática de sua herança religiosa. Os seus teólogos examinaram as fontes, pesaram os testemunhos, analisaram as definições e exigiram fatos, enfrentando o Novo Testamento Grego, o qual completava, ou até mesmo suplantava a Vulgata.

Em busca de terreno firme, escavaram até ao ensino e à prática da Igreja primitiva. Não os satisfazia mais a apresentação convencional da religião cristã, à qual a Igreja ocidental havia chegado depois de cinco séculos de isolamento da Igreja Ortodoxa. Conheciam o suficiente das controvérsias entre o Oriente e o Ocidente para saberem que uma poderosa metade da Grande Igreja discutia irreconciliavelmente as exigências imperiosas do bispo de Roma.

E assim, no seu desejo de conhecer o que na mentalidade da Igreja não dividida constitue as verdades essenciais de sua religião, apelaram para a Sagrada Escritura e para a Tradição comparada com as Escrituras, à luz de uma sã cultura, da razão e da experiência cristã. Eles não queriam nenhuma novidade por amor à novidade, nenhuma religião nacional por amor ao nacionalismo. Esforçar-se-iam em conservar tanto do antigo quanto a Verdade por eles conhecida

lho consentisse. „Que os antigos costumes prevaleçam.“ A Sagrada Escritura, para a qual os primeiros „padres“ haviam habitualmente apelado, tornou-se para eles a prova final do que tinha de ser crido para a salvação.

Muitas outras coisas que lhes tinham chegado na corrente da Tradição, podiam, com vantagem, ser retidas e observadas, embora não fossem prescritas como essenciais. E assim a Igreja Inglesa, guiada pelo testemunho da Igreja não dividida nos seus dias primitivos e mais puros, e empregando os métodos racionais com os quais a sua época os havia familiarizado, pretendia, embora retivesse a sua identidade e continuidade com o passado, remodelar a sua reorganização em linhas de simplicidade e sinceridade que fariam sentir aos homens a íntima conexão existente entre a religião e a vida.

O Anglicanismo então, combinando (ainda que nem sempre reconciliando) a autoridade e a liberdade, a tradição e a razão, o respeito pelo precedente e a adaptabilidade a novas condições, defende a libertação do cristianismo dos primeiros seis séculos, de acréscimos posteriores e não essenciais e apresenta-o na forma essencial do seu conteúdo original. Defende perante a Cristandade aquilo que a História nos diz ser o depósito apostólico integral e irredutível, que deve ser mantido e confessado por todos que quiserem fazer suas as palavras de S. Paciano: „Cristão é o meu nome e Católico o meu sobrenome.“

É à base deste Catolicismo nuclear que a Comunhão Anglicana pretende ser um ramo verdadeiro da Grande Igreja e, à semelhança da Igreja Ortodoxa no Oriente, e da Igreja Latina no Ocidente, a sua presença e o seu órgão locais.

O Catolicismo essencial, como o entende a Comunhão Anglicana, envolve quatro elementos essenciais e indispensáveis.

1. A Sagrada Escritura como aquele critério final pelo qual devem ser provadas todas as crenças que se pretenda seja necessário confessar para a salvação.

2. A plena fé do „Credo dos Apóstolos“ e do „Credo de Nicéia“.

3. O uso fiel dos dois grandes Sacramentos do Evangelho como ordenados por Cristo.

4. O Ministério Apostólico de Bispos, Presbíteros e Diáconos, transmitido por aqueles que têm autoridade para transmitir.

O Livro de Oração Comum representa a interpretação dada na prática pela Igreja de Inglaterra, destes quatro elementos da posição católica. Porém, como no sistema anglicano têm surgido muitas variações nas Igrejas irmãs e filhas da Comunhão Anglicana, assim, nos ramos da Grande Igreja, uma variedade de rito infinita é compatível com a norma católica, a qual, desde dias remotos, admitiu sem dificuldade a necessidade prática numa comunidade mundial de „Salvo iure communionis diversa sentire“ ou, noutras palavras „Unidade no essencial, liberdade no duvidoso, caridade em tudo.“

Em conclusão, uma Igreja que pretende ser católica não deve ficar satisfeita com um gozo egoísta da sua fé, porque ela não é uma mera possuidora da fé; a fé possui a ela. E a fé, pela sua natureza apostólica, leva a Igreja a olhar para fora e a procurar comunhão

com outros grupos de cristãos. O estabelecimento ou a restauração da comunhão com estes grupos separados, deve ser uma das mais graves preocupações porque não deveria haver divisões no corpo de Cristo, e todavia a divisão é um dos fatos mais palpáveis e dolorosos da história do cristianismo. O testemunho da Grande Igreja no mundo, para já não falar no seu crescimento em santidade, é prejudicada mais do que se julga pelas divisões prevalecentes na Igreja de Cristo.

E todavia nenhum anelo por uma comunhão mais íntima pode justificar a intercomunhão com uma sociedade que perdeu, e não mostra desejos de recuperar, a sua aderência àquelas instituições, poucas, mas vitais, que são os penhores de continuidade com a Igreja não dividida. Desta forma, a Grande Igreja hoje tem a consciência duma tensão trágica entre necessidades aparentemente irreconciliáveis.

A Igreja, porém, não é uma associação voluntária, que possa redigir ela própria as suas condições. É uma depositária cujo „depósito“, „uma vez dado aos santos“, tem sido transmitido por uma sucessão contínua, e os termos obrigatórios em que esse depósito lhe foi entregue condicionam para os seus membros — igrejas — a maneira em que, como coluna e mórdomo da Verdade, ela há de dirigir os seus convites e dar as suas respostas.

Assim, ainda que de forma bem paradoxal, muitos anglicanos, por princípio, estão ardentemente desejosos de comunhão entre a sua Igreja e quaisquer outras, são compelidos a recusar quaisquer propostas de união que neguem a suficiência ou ameacem a integridade da fé e da ordem que a Igreja herdou.

Divisões entre grupos separados de cristãos, que reconhecem mutuamente a operação do Espírito Santo, não necessitam de impedir um respeito mútuo e o empreendimento dos esforços para um melhor entendimento e cooperação na reforma social nem precisam de atrair mais a atenção e o escárnio do mundo por manifestações de acrimoniosa controvérsia.

Por outro lado, tudo quanto seja compreensão à custa de compromissos ilegítimos, não será melhor do que qualquer ponte que se tivesse quebrado pelo meio.“

Pelo exposto se vê que as igrejas da Comunhão Anglicana revelam um caracter conservador e estão dispostas a guardar os elementos que não contradizem à Bíblia. De outro lado, elas apresentam uma inclinação ecumênica e lamentam a divisão da cristandade em numerosas igrejas que, às vezes, se combatem mutuamente em vez de cooperar. Entretanto, elas podem manter intercomunhão só com aquelas igrejas que aceitam os quatro pontos, estabelecidos como „minimum“ que deve ser reconhecido como base da intercomunhão. Deste modo, as igrejas da Comunhão Anglicana não poderiam estabelecer a intercomunhão com as igrejas luteranas que diferem no quarto ponto declarando que coisas da constituição exterior da igreja não devem ser consideradas essenciais, mas se regulam segundo as necessidades práticas das circunstâncias e dos tempos. Em todo o caso, gostaremos manter relações de amizade com a Igreja Episcopal Brasileira que faz parte do Anglicanismo, e continuaremos cooperando com ela. P. R. Becker.